

FMI aprova crédito 'stand-by' de US\$ 1,4 bilhão para o Brasil

Dívida Externa

WASHINGTON — O Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciou ontem a aprovação definitiva do crédito **stand-by** no valor de US\$ 1,4 bilhão de dólares para o Governo brasileiro. O prazo para liberação do financiamento, que ocorrerá em seis quotas, é de 18 meses, esgotando-se fevereiro de 1990.

Há um mês, o Diretor-Gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, anunciara um acordo de princípio sobre a operação. Condição-a, entretanto, à obtenção de "financiamento satisfatório por parte dos bancos comerciais internacionais", para atendimento das necessidades de recursos externos

do Brasil

Este pré-requisito foi preenchido com a concretização do acordo do Brasil com os bancos credores, na semana passada, após muitas semanas de negociação em Nova York.

Nesta ocasião, os bancos se comprometeram a fornecer ao Governo brasileiro 95% dos US\$ 5,2 bilhões em recursos previstos no do acordo para reescalonamento da dívida externa brasileira, atualmente no valor de US\$ 121,4 bilhões. E a mais elevada dentre as contraídas pelos países do Terceiro Mundo.

O empréstimo, que conta com adesão de pelo menos 95% dos bancos comerciais credores do Brasil, leva

especialistas à estimativa de que o Governo brasileiro poderia ver sua dívida externa reduzida em cerca de US\$ 24 bilhões no final de 1993.

● **RECESSÃO** — O crescimento econômico diminuiu sensivelmente em toda a América Latina no ano passado, principalmente devido aos problemas originados pelo pagamento da dívida externa, destaca um informe da Organização das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad). O aumento de produção no conjunto dos países latino-americanos caiu de 3,7 para apenas 2,2% em 1987, diz o relatório da Unctad, destacando três fatores para explicar este resultado, considerado desalentador: o impacto da crise originada pela dívida externa, as más colheitas decorrentes de problemas climáticos em alguns países e os preços oscilantes das matérias-primas nos mercados internacionais.



Michel Camdessus, diretor do FMI